

Em 'A Tensão Superficial do Tempo', Cristovão Tezza usa o cenário atual do país para investigar os pontos de contato entre público e privado, política e intimidade

■ PATRÍCIA CASSESE

O escritor Cristovão Tezza se lembra com precisão do dia em que começou a escrever "A Tensão Superficial do Tempo" (Todavia), seu mais recente livro. "Foi no dia 3 de janeiro de 2019. Lembro-me bem da data porque foi o dia em que nasceu a minha netinha, a Marina. Ela nasceu à tarde, e eu comecei o livro pela manhã – eu sempre escrevo pela manhã", narra o catarinense, acrescentando que o ponto final foi colocado no dia 6 de dezembro. "Ou seja, todo o ano de 2019 trabalhei todos os dias no livro", relata ele.

O novo romance do escritor de "O Filho Eterno" gira em torno do personagem Cândido, um sujeito que dá aulas de química em um cursinho ao mesmo tempo em que, em casa, trata de baixar filmes para a mãe, Dona Lourdes, com quem voltou a morar após a separação. O cenário é uma Curitiba imersa em tensões políticas, que reverberam também a polarização política do país. "É muito misterioso o processo por meio do qual eu desenvolvo um romance. Em geral, tenho uma ideia muita vaga na cabeça, de onde parto, e, nesse caso, tinha a de um 'pirateiro' caseiro de filmes que abastece a mãe e, ainda, a (ideia) de uma fratura amorosa – um tema recorrente no que eu escrevo. As duas coisas se juntaram neste romance. E foi o que fiz em 2019, foi um ano em que fui completamente absorvido por essa escrita", explica.

Embora tenha um lastro na realidade, Tezza afiança que "A Tensão Superficial do Tempo" está inserida na esfera da ficção no que tange às situações vividas pelos personagens. "Praticamente tudo o que eu escrevo é ficção, é fruto da imaginação, muito pouco tem de fatos reais. O único livro realmente baseado em fatos reais que escrevi – eu diria até brutalmente inspirado em fatos reais – é 'O Filho Eterno', no qual romanceei a minha experiência como pai de uma criança com síndrome de Down. Mas esse de agora, não, é de ficção, de imaginação mesmo. Que é o que faz a literatura: cria hipóteses de existências, paralelos existenciais. Pela imaginação, você monta uma espécie de mundo à parte. O que há de fato real é o pa-

Aflições que reverberam o momento do Brasil



"A Tensão Superficial do Tempo"; editora Todavia; 272 págs.; R\$ 64,90

no de fundo. Podemos dizer que é um livro de extração realista. Tem uma linha realista. Veja, como dito, eu escrevi durante o ano de 2019, assim, o clima político brasileiro, a polarização, foi entrando no livro quase que por osmose. Está presente como pano de fundo, toda a história se faz contra esse pano de fundo. Há, pois, uma mescla de situações reais político-brasi-

leiras, mas em torno de personagens absolutamente frutos da imaginação. Não há nenhum, ali, baseado em alguém real ou decalcado de uma figura da realidade", esclarece.

Tezza confessa ser difícil definir o personagem Cândido. "Ele começa já como uma referência literária, o próprio nome é inspirado, claro, na figura clássica de Voltaire, Cândido, o Otimista. No caso dele, é um personagem, digamos assim, mais ingênuo que propriamente otimista – aliás, é um pouco depressivo. Mas a ideia de uma figura cândida no meio de um mundo absolutamente selvagem, agressivo e estúpido diz muito a respeito dele. É um sujeito que tem fraturas emocionais importan-

tes. O fato de ser um filho adotado e ter uma mãe autoritária... Aliás, a relação dele com a mãe é ambígua, paradoxal. Estamos falando de um sujeito que volta a morar com a mãe depois de já ter passado por um casamento, que fracassou. Uma mãe a quem protege e fornece filmes que baixa da internet".

Ao mesmo tempo, Cândido é um homem que nutre uma paixão avassaladora por uma mulher casada. "Ou seja, uma paixão, entre aspas, ilegal. Eu fui descobrindo ao longo do livro quem era exatamente o Cândido, e acho que o leitor passa por essa aventura sempre que lê um livro, ou seja, ele vai descobrindo as sutilezas e as amenidades do personagem", conta.

Literatura



Período. Tezza alia momentos atuais como pano de fundo da nova obra

Em quarentena

Na esperança por dias melhores

A pandemia do novo coronavírus, claro, é um tema que não ficaria de fora da conversa. "Caramba é uma situação tão nova, tão imprevisível! Quem poderia imaginar isso seis meses atrás, que a gente estaria numa situação dessa?", indaga, acrescentando que, em dado momento, teve a impressão de que tudo parecia estar agindo contra. "O mundo todo correndo atrás de uma vacina, e, ao mesmo tempo, aqui, uma

política pública tão absurda, desconstruída, desinformativa. A quantidade diária de mortos... um platô que é uma coisa realmente assustadora, ou seja, vivemos uma realidade em que ao mesmo tempo temos uma tragédia sanitária e um cinismo político inacreditável. Então, é tudo muito assustador", admite.

Do ponto de vista pessoal, Tezza até diria que o isolamento não alterou radicalmente o

seu modo de vida, notadamente mais caseiro. "Mas, claro, sinto muita falta do encontro com os amigos, das viagens que fazia, dos eventos literários. Veja: agora, estou fazendo o Sempre um Papo pela internet, mas vivia participando dos eventos do Afonso Borges. Isso eu sinto falta. Mas é o que dá para fazer, então, ainda bem que estamos conseguindo conversar assim, virtualmente, até que possamos retomar", finaliza. (PC)

THEO MARQUES/SPRIMPRESS